



RESENHA

VEYRET, Yvette. **Os riscos o homem como agressor e vítima do meio ambiente.** Contexto, 2007. 319p.

Geise Corrêa Teles – USP – São Paulo - Brasil

A efervescente discussão sobre a questão ambiental suscitou nas últimas décadas em uma multiplicidade de áreas do conhecimento voltadas para a gestão de risco, ocupadas por uma diversidade de pesquisadores, com formações acadêmicas distintas, o que nos leva a questionar sobre a perda de espaço do geógrafo nesse campo. Na obra “Os Riscos o Homem como Agressor e Vítima do Meio Ambiente” Yvette Veyret, uma das maiores autoridades mundiais sobre riscos, professora de Geografia da Universidade de Paris X, Nanterre, presidente do Comitê Nacional Francês de Geografia e autora de diversas publicações, aborda as particularidades que envolvem a gestão de risco, sobre uma perspectiva geográfica que nos permite ampliar o olhar sobre o papel do geógrafo nesse processo.

A imponente trajetória da autora faz com que muitas vezes a obra seja atribuída somente a ela, porém algumas partes do livro são escritas em conjunto com outros autores, que também serão devidamente mencionados. O livro foi publicado originalmente na França em 2003 e traduzido para o Brasil em 2007, porém sem muita expressão, mesmo entre os próprios geógrafos. Em 2019 a editora Contexto lançou uma segunda edição, com um layout convidativo e uma divulgação que fez jus ao seu rico conteúdo. Apesar dos anos acumulados a obra é atual e inovadora, favorável ao momento de difusão de estudos sobre riscos no Brasil.

Além da introdução, o livro está dividido em quatro partes encadeadas pela temática do risco. Logo no início da introdução Veyret define o risco como sendo um produto existente apenas em relação a um indivíduo ou grupo social que o apreende por meio da percepção do perigo ou da catástrofe possível, ou seja, para a autora o risco é produto de uma representação mental produzida socialmente, que faz com que ele

seja percebido de forma diferente, conforme o papel que os indivíduos ocupam na sociedade.

Ainda em caráter introdutório a autora afirma que o estudo dos riscos não é um campo novo e nem exclusivamente geográfico, porém a forma de tratamento do risco mudou com o tempo, conforme o desenvolvimento da própria ciência, abrindo espaço para o aprimoramento dos conhecimentos geográficos. Por séculos a humanidade concebeu o risco como inerente à natureza e, por isso, incontrolável, com o desenvolvimento científico, a descoberta de que a interferência do homem na natureza também poderia gerar riscos, induziu a ideia do ser humano como vilão, cujas práticas, majoritariamente predatórias, deveriam ser combatidas. Com o advento da revolução científica e tecnológica, na segunda metade do século XX, o mito do salvacionismo científico se alastrou e o risco passou a ser percebido como algo a ser combatido e eliminado pela ciência e pela técnica, o homem, por meio da ciência, em menos de um século passou de vilão a salvador da humanidade.

Na atualidade, defende a autora, vivemos um momento de gestão de riscos, o salvacionismo científico, principalmente o de caráter técnico, foi derrubado e consensualmente a ciência compreendeu que o risco não pode ser combatido, mas pode e deve ser gerido. Seu caráter onipresente exige escolhas de gestão que devem ser inerentes a determinados contextos e a sua própria territorialidade, o que o transforma num objeto geográfico.

Na parte I do livro escrita por Veyret e por Nancy Meschinet de Richemond intitulada “O Risco, Os Riscos” as autoras reforçam a noção de risco como uma construção social e apontam alguns conceitos fundamentais para seu entendimento. Entre esses conceitos está a noção de álea, vulnerabilidade, crise e catástrofe. É abordado ainda que a gestão do risco necessita de uma representação, limites de aceitação e ação, que na prática convergem em três direções: uma gestão voltada para um saber exclusivamente técnico, uma gestão que integra a sociedade civil e o Estado e, por fim uma terceira que confronta as outras duas e incide sobre a complexidade dos atores envolvidos no processo.

O confronto da percepção desses atores, proposto nesta terceira forma de gestão requer considerar a dimensão espaço-temporal do risco, dimensão que o geógrafo se apropria e, cuja riqueza evidencia-se nos distintos olhares do urbano. Dentro dessa espacialidade exemplificada pelo espaço urbano, as autoras destacam a importância da cartografia como ponto de partida para a análise espacial da gestão de risco e finalizam essa primeira parte elencando os diferentes tipos de risco: naturais, agravados pelas atividades humanas, sobrepostos, riscos industriais, sistêmicos, risco à insegurança, risco à saúde, riscos maiores, riscos menores etc.

Ao falar desses diferentes tipos de risco as autoras advertem que alguns fatores como déficit de coleta de dados, incompatibilidade de escala de análise, não existência de um banco de dados disponíveis, uso de abordagens exclusivamente probabilística e deterministas mascaram a complexidade dos danos indiretos que podem ocorrer nos espaços, devido aos diferentes níveis de vulnerabilidade que o compõe. Fato relevante e que poderia ser atenuado pela educação da população ao risco, principalmente para aquelas que já têm experiências com catástrofes.

A parte II do livro intitulada “Os Riscos nos Países em Desenvolvimento” cujos capítulos foram escritos por Jean-Claude Thouret, Luc Cambrézy, Pierre Janin e Yannick Glemarec, discute sobre algumas questões latentes referentes à gestão de risco na América Latina, do risco alimentar na África e do papel das instituições internacionais na prevenção e domínio dos riscos, tomando como exemplo Bangladesh.

Primeiramente, os autores destacam as decisões políticas equivocadas que fortaleceram, ao invés de enfraquecer, a dependência econômica dos países em desenvolvimento em relação às nações desenvolvidas. No âmbito interno a perda da capacidade de financiamento e controle do próprio risco é tida como consequência de arranjos institucionais que alimentam a pobreza e a segregação espacial e impedem esses países de se desenvolverem. Concomitante a essas questões a gestão do risco também está pautada em abordagens conceituais voltadas para demandas estritamente técnicas, que desconsideram as distintas vulnerabilidades dos sujeitos, inscritas nas espacialidades e, acarretam perdas nas análises.

A insegurança alimentar na África também é trazida como um desequilíbrio desencadeado por decisões político-econômica, para além das incertezas bioclimáticas, o risco alimentar decorre de fatores como contexto (guerra/paz), escala espacial, meio (rural/urbano), grau de extroversão econômica, natureza dos ecossistemas. O caso de Bangladesh, no Sul da Ásia, é também exemplificado como um reflexo de decisões historicamente equivocadas, que colocam o país na dependência de instituições internacionais na prevenção de seus riscos, atreladas às chamadas ajudas humanitárias.

Finalizando essa segunda parte os autores deixam claro que o desequilíbrio entre prevenção, preparação e resposta, configuram-se de forma igual nos países em desenvolvimento, cujas as estratégias setoriais adotadas pelos governantes apegam-se a recursiva gestão de catástrofes, ao invés da prevenção de risco.

A parte III do livro intitulada “Os Riscos nos Países Ricos” e escrita por Veyret, Nancy Meschinet de Richemond, Jacques Donze, Philippe Pelletier e Jacques Heude trata sobre os riscos na Europa, com destaque para a França e também no Japão e nos Estados Unidos. Ao debater sobre as diferenciações entre o risco natural e industrial na França, os autores criticam o fato do geógrafo se restringir a apenas a gestão dos riscos naturais, enquanto os riscos industriais ficam a cargo dos engenheiros, cuja visão tecnicista desconsidera sua territorialização. Sobre a importância da territorialização, os autores voltam a tratar da cartografia, ressaltando sua relevância e os cuidados necessários para não impor aos riscos, os mesmos limites das fronteiras administrativas.

Diferentemente dos países em desenvolvimento, os países ricos investem na prevenção do risco e valorizam a experiência da população com eventos catastróficos já ocorridos. Segundo os autores, esses fatores juntamente com autonomia político-econômica desses países contribuem para um enfrentamento diferenciado do risco, porém não os isenta de problemas como é o caso do monopólio de seguradoras, que fazem cobranças abusivas nos seguros de cobertura de risco. Inerente ao problema com as seguradoras, os autores terminam a discussão dessa parte do livro falando sobre a importância do papel do Estado na gestão dos riscos, sobretudo, como exigência de controle favorável à população.

A última parte da obra intitulada “Risco Econômico e Risco Social” escrita por François Bost e Hervé Vieillard-Baron discute o risco como um elemento indissociável da economia e da sociedade. Argumenta-se inicialmente que as estratégias econômicas adotadas pelos países implicam a responsabilidade sobre os riscos, por isso fala-se sobre risco econômico e da importância do papel de cada nação no contexto geopolítico mundial. Nesse contexto, reforça-se a importância do Estado, enquanto um agente de decisões estratégicas, cujo pior risco para uma nação seria sua omissão, em outras palavras, a insuficiência dos meios financeiros e ausência política forte levariam as nações a enfrentarem riscos econômicos.

Os riscos sociais são vistos como consequência de um arranjo territorial pautado nas decisões político-econômica, definido como tudo aquilo que afeta diretamente a coesão social. O processo de globalização, por amplificar as disparidades entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento é tido como um risco social, cujas consequências projetam-se em escala global. Em uma escala de maior detalhe o zoneamento urbano, também é exemplificado como um impulsionador de risco social, pois em muitos casos áreas habitadas por populações pobres são estigmatizadas como áreas violentas, correlacionando de forma equivocada pobreza e violência. Finalizando a discussão os autores argumentam que correlações sistemáticas equivocadas surgem quando não é feita a leitura do território na gestão de risco.

Por fim, a conclusão do livro aborda a importância do controle dos riscos sociais, questiona a democracia e cidadania mundial, a participação social na gestão do risco e o geógrafo como portador de um conhecimento científico útil para esclarecer os fatores que desencadeiam ações de urgência no gerenciamento do risco, atrelados, sobretudo, a análise territorial que permite apreender as diferentes percepções do perigo.

Esta obra é leitura indispensável para geógrafos e pesquisadores do risco no campo interdisciplinar, ela figura entre as mais completas referências de gestão de risco já traduzidas para o Brasil. Sua riqueza está não só na comparação entre como as nações desenvolvidas e em desenvolvimento gerenciam o risco, mas também no tratamento do risco como uma questão socioambiental, influenciada diretamente por

decisões político-econômicas em macro e microescala, com diferentes níveis de participação social e análise territorial. A importante admissão da análise territorial trazida pelos autores reforça também o papel e engajamento do geógrafo nesse campo.

Geise Corrêa Teles - Doutoranda em Sustentabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará (2013). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará (2016). Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior da Amazônia (2019). Foi professora colaboradora da UFPA nas disciplinas de climatologia e biogeografia. Integra Programas de Extensão Universitária em Unidades de Conservação de Uso Sustentável. Ela colabora em projetos de pesquisa na zona costeira do Pará. Atua nos seguintes temas: educação ambiental, gestão e planejamento ambiental, áreas protegidas, ecologia amazônica, justiça ambiental, conflitos socioambientais e sustentabilidade. Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido para publicação em 15 de outubro de 2021.

Aceito para publicação em 17 de novembro de 2021.

Publicado em 20 de dezembro de 2021.